

**História & Cidade – História Local: experiências de uma aula oficina**Bruno César Pereira<sup>1</sup>Fernanda Ribas<sup>2</sup>**Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo analisar os resultados de uma “aula-oficina” realizada entre os meses de outubro e novembro de 2018, com alunos (as) dos 3ºs anos do Ensino Médio da escola Antônio Xavier da Silveira, situado no município de Irati-PR. Esta atividade, intitulada “Projeto História & Cidade – História Local” foi vinculada ao Programa Residência Pedagógica e contou com a participação de 109 estudantes desta instituição de ensino. A atividade em questão contou com seis horas aulas presenciais para a realização da oficina, que se dividiu entre duas para explicações teórico-metodológicas sobre o tema central, duas horas aula para a apresentação dos (as) alunos (as) dos resultados de suas pesquisas e, por fim, duas para a devolutiva das pesquisas.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Residência Pedagógica, Aula-oficina.

**Abstract**

The objective of this study is to analyze the results of a "workshop class" held between October and November, with students from the 3rd year of High School of the Antônio Xavier da Silveira school, located in the municipality of Irati- PR. This activity, titled "Project History & City - Local History" was linked to the Pedagogical Residence Program and had the participation of 109 students from this educational institution. The activity in question counted on five hours of face-to-face classes for the workshop, which was divided between two for theoretical-methodological explanations on the central theme, two hours for students to present their research results and, finally, one for the return of the research.

**Keywords:** History teaching, Pedagogical Residence, Classroom-workshop.

**Introdução**

Ao longo deste texto, buscamos expor os principais resultados de uma atividade realizada entre os meses de Outubro-Novembro de 2018, com alunos dos 3ºs anos do Colégio Estadual Antônio Xavier da Silveira, localizado no município de Irati-PR. Esta atividade esteve vinculada ao Projeto Residência Pedagógica sub projeto em História, financiado pela Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), *Campus Irati*. Graduado em história pela mesma IES. Foi bolsista pelo Programa Residência Pedagógica subprojeto em História (PRPH) financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre Agosto de 2018 à Março de 2019.

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), *Campus Irati*. Foi bolsista pelo Programa Residência Pedagógica subprojeto em História (PRPH) financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre Agosto de 2018 à Março de 2019.

<sup>3</sup> Parte das discussões apresentadas neste artigo, em especial as questões teórico-metodológicas que envolveram uma das temáticas que será discutida ao longo deste texto (sub temática: Moradia & Habitação) foram apresentadas e publicadas nos anais do V Simpósio Nacional do Movimento do Contestado, ocorrido entre 26 a 28 de Novembro de 2018. Ver: RIBAS & PEREIRA, 2018.

A atividade em questão foi intitulada de “Projeto História e Cidade – História Local”, e foi realizado em formato de “aula-oficina”, onde, no total, foram utilizadas cerca de seis aulas “presenciais” (em sala de aula) para sua realização, desde: a apresentação do projeto, debates teórico-metodológicos, apresentação dos resultados, devolutiva das pesquisas. Ressaltamos ainda, que, pela falta de tempo para a realização do projeto, partes da atividade final, os resultados do projeto, foram realizadas pelos (as) estudantes fora do colégio (em suas residências e locais onde realizaram suas pesquisas, como bibliotecas e centros de documentação).

O projeto foi dividido em seis fases/etapas, sendo elas: 1. A apresentação e debates teórico-metodológicos, 2. Estruturação da atividade que os estudantes realizariam, 3. Pesquisa e escrita do trabalho, 4. Apresentação e correção dos trabalhos, 5. “Recuperação”, ou melhor, entrega das versões finais do trabalho, 6. Entrega dos trabalhos com os respectivos *feedbacks*.

Este artigo busca apresentar os resultados desta atividade, assim como nos propomos debater um pouco sobre a metodologia de aula oficina. Não é novidade, que nos dias atuais professores (as) têm adotado diferentes metodologias e atividades para enriquecer a forma de ensinar História. Em especial, a principal medida que vêm sendo tomada é a de abandonar o modelo de ensino que observa o (a) estudante apenas como um receptor de informação, enquanto o (a) professor (a) como detentor exclusivo do conhecimento.

As novas perspectivas de ensino, em especial destacando o Ensino de História, apontam para a perspectiva de observar o (a) estudante como o sujeito marcante em sala de aula, ou seja, compreendê-lo como um sujeito que possui sua vivência, e neste sentido o (a) professor (a) é visto como um mediador (a), não mais como o protagonista. Outro ponto que toca diretamente o Ensino de História e suas renovações é a busca por colocar os sujeitos que a estudam como parte desta História, ou seja, o abandono da História mecanicista, pautado em datas, “grandes” heróis, etc.; por uma História que se aproxima da vivência dos (as) estudantes e suas respectivas realidades sociais. É dentro desta perspectiva que a proposta de realizar uma aula oficina centrada na temática de História Local reforça a compreensão dos (as) estudantes se colocarem como sujeitos históricos.

Como o leitor observará, o presente trabalho se dividirá em quatro tópicos, sendo o primeiro uma discussão centrada na questão teórico-metodológica da proposta de uma aula oficina, assim como destacaremos as principais características deste formato de aula e suas contribuições para o Ensino de História. Todavia apontaremos também os principais entraves encontrados no ensino atual, ou melhor, no cotidiano escolar atual, que, de um modo geral, causam ao professor (a) a pouca, ou nenhuma, utilização desta metodologia de ensino.

Já com relação ao segundo tópico, nos propomos em realizar uma descrição de cada uma das etapas desta atividade desenvolvida, ou seja, utilizaremos este espaço, para narrar o passo-a-passo da proposta de atividade. E também discorreremos sobre os primeiros resultados de nossa aula oficina. Ainda neste tópico, nos propomos em debater os pontos positivos do emprego desta metodologia, assim como, dos negativos de nossa proposta.

O terceiro tópico será dedicado a destacar os principais resultados obtidos nesta aula oficina. Como observaremos, mesmo com alguns pequenos problemas (os quais serão debatidos no tópico anterior), os resultados mostraram um enorme crescimento por parte dos (as) estudantes, em especial em questões que constantemente são censuradas em um debate escolar, como religiosidade, segregação urbana, entre outros.

Por fim, o quarto tópico de propõem em realizar um levantamento geral das discussões expostas neste trabalho, destacando a importância do uso de novas metodologias no Ensino de História, seja com suas contribuições na quebra do “ensino tradicional”, assim como, em sua contribuição para o reconhecimento do (a) aluno (a) como agente social e histórico.

Este texto, como já exposto, é resultado de parte de nossas regências ao longo do Projeto Residência Pedagógica, buscamos aqui, trazer para o debate os resultados da aplicação de um projeto que conciliou tanto questões teóricas, discutidas no âmbito da academia (universidade), como questões do dia-a-dia dos (as) alunos (as), onde optamos por realizar uma atividade que destacasse o saber do (a) estudante sobre a história de seu município. Neste sentido, este texto, visa trazer uma proposta, que não é nova, mas que ainda sim é pouco adotada pelos (as) professores (as), que possibilita contribuir significativamente no processo de Ensino de História, que além de valorizar o (a) aluno (a) o (a) coloca como participante ativo dentro dos processos históricos.

### **Aula-oficina: um ensino onde o protagonista é o estudante**

O ensino de história no Brasil, ao longo das últimas décadas, tem sido tema de constante debate dentro da academia (universidades), onde o principal “problema” identificado por professores (as)/pesquisadores (as) é o abismo que existe entre as produções historiográficas acadêmicas (artigos, pesquisas de dissertações e teses) e o que é ensinado na escolas de Ensino Fundamental e Médio (voltado apenas aos conteúdos presentes nos livros didáticos)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O que realizamos aqui não é uma crítica ao uso do livro didático dentro o do processo de Ensino de História e sim o uso exclusivo de apenas este material. Como apontam estudos recentes os livros didáticos vêm recebendo uma série de transformações, como a inclusão de variados tipos de fontes que visam abordar novas discussões no processo de ensino, todavia cabe ainda ao professor trazer para o debate fontes e perspectivas teórico-metodológicas não abordadas pelos livros. Ver: FERNANDES; AGUIAR; FERNANDES, 2017.

Na perspectiva das historiadoras Costa e Oliveira (2007), esta dualidade entre a academia e escola, vêm, desde o final de década de 1980, mudando consideravelmente, em especial, isto se deu pela introdução de trabalhos/pesquisas empíricas nas áreas da educação (com ênfase no Ensino de História) que visam discutir a atuação e vivência de professores (as) do nível fundamental e médio, assim como reconsiderar a posição dos (as) estudantes dentro do processo de aprendizagem, ou seja, abandonar a concepção de considerar o (a) aluno (a) como um “caixa-vazia” que precisa ser preenchida.

Entretanto, ainda há um longo caminho a ser trilhado, a visão do Ensino de História, ou melhor, da História como algo voltado a decorar datas, “grandes” fatos, “grandes” nomes/homens, lugares, etc., de um modo geral, ainda se encontra viva entre professores (as) e estudantes. Na perspectiva acadêmica este método de Ensino segue o “modelo tradicional”, modelo que possui preocupações ligadas a questões quantitativas e mecanicistas.

Mesmo com as preocupações por parte das novas discussões sobre o Ensino de História, o modo de ensino tradicional ainda nos assombra. As novas propostas e capacitações a professores (as) de carreira (que já estão inseridos nos contextos das escolas há bons anos<sup>5</sup>) têm buscado quebrar com este modo de Ensino, todavia ele ainda se mostra como uma grande (se não a maior) barreira para a renovação do Ensino de História. Outro ponto que reforça a quebra desta forma de Ensino está na formação dos futuros profissionais, ou seja, o debate sobre o Ensino se manter ativo e forte nas universidades, possibilita a formação de novos (as) professores (as) que buscaram a quebra deste “ensino tradicional” (SOUZA, 2010).

As novas propostas para o Ensino de História têm-se direcionado a compreender inicialmente o (a) aluno (a), a sua vivência, sua realidade social, etc., assim, os (as) professores (as) planejarão um processo de ensino-aprendizagem que não se pauta exclusivamente na figura do (a) professor (a) rompendo desta forma com o chamado “Ensino tradicional”, mecanicista e quantitativo. Adotar novas metodologias e o escutar o (a) estudante talvez seja o ponto mais importante na prática de um novo processo de ensino, que contribua de forma significativa no crescimento destes novos sujeitos (MORAES, 2013).

É dentro desta perspectiva que foi pensado o projeto “História & Cidade – História Local”, planejado e executado com estudantes do 3ºs anos do Ensino Médio. Nossa proposta

---

<sup>5</sup> Se tratando do contexto do Estado do Paraná nós temos o chamado Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), criado pela Secretaria de Estado da Educação (SEED), este programa é voltado a (professores (as) de Ensino Médio e Fundamental e visa à formação continuada em educação, disciplina a promoção do professor para o nível III da carreira).

foi adotar uma “nova” (não tão nova assim) metodologia que possibilitasse um rompimento na forma de ensino, ou seja, uma abordagem em que o (a) aluno (a) fosse o (a) protagonista.

A metodologia utilizada para trabalhar este projeto em sala de aula foi à “aula oficina”, trabalhado a partir da perspectiva de Barca (2011), na qual, os (as) alunos (as) se tornam os principais autores da construção do conhecimento, baseado seja na literatura histórica com embasamento na Consciência Histórica (BARCA, 2001). Neste sentido o (a) professor (a) ajuda a criar uma ponte entre o que os (as) estudantes já sabem e o que eles podem adquirir com a temática proposta. Desta forma a perspectiva adotada aqui é do (a) professor (a) como mediador (a) e os (as) estudantes como protagonistas.

Nossa proposta segue a perspectiva da busca por “situações de aprendizagens reais” (GEYSO, 2011), onde temos como grande objetivo e principal ator, o (a) aluno (a), que ao entrar em contato com o ensino de história consegue “[...] construir uma ponte, e não um fosso, entre o que [...] aprendem e o que os historiadores e filósofos da História produzem” (BARCA, 2011, p. 37). Todo esse processo ajuda com que o (a) aluno (a) tenha uma visão diferente não apenas da disciplina de história, mas sim uma mudança na forma como compreender e correlacionar assuntos ligados diretamente às concepções históricas.

Assim, uma das formas do (a) professor (a) /pesquisador (a) desenvolver em seus (as) alunos (as) a compreensão histórica do mundo é com a “aula oficina”, na perspectiva de Barca (2011), onde o (a) estudante tem a chance de confrontar fontes históricas das mais variadas origens, não ficando restrito a uma versão única da História, mas sim tendo a chance de, por mais de um ponto de vista, analisar o mesmo acontecimento histórico. Desta forma, adotar esta metodologia permite que o (a) estudante seja um agente importante (protagonista) dentro do processo de Ensino de História.

Outro detalhe que nos ajudou de forma considerável para a aplicação desta metodologia foi escolha das temáticas para a proposta, ou seja, trabalhar/pesquisar História e Cidade e História Local, possuiu uma grande vantagem dentro deste projeto, pois são temas que possuem ligação direta com o dia-a-dia dos (as) estudantes. Neste sentido, estes (as), conseguem se visualizar mais claramente como agentes participantes da História. Neste sentido, tanto a escolha do tema, como a metodologia utilizada coincidiram com nossa proposta.

Se a metodologia de “aula-oficina” visa uma participação ativa do (a) aluno (a) no processo de ensino-aprendizagem, a escolha do tema de se trabalhar com a realidade destes (as) alunos (as) torna-se um ponto importante, assim a escolha de trabalhar a cidade destes (as), possibilita uma introdução dos (as) estudantes, seja no contexto da pesquisa, como de apresentar as múltiplas fontes a serem utilizadas, como jornais, a *internet* e – um ponto muito importante

– os acervos familiares. Desta forma, estes (as) estudantes possuem um contato mais próximo a esta temática, seja em questão temporal, como espacial, onde eles (as) passam a conhecer melhor o espaço/local que habitam e podem, e isto eles (elas) fizeram muito bem, problematizar o seu contexto social, observando (e criticando) uma série de contradições sociais<sup>6</sup>.

Devemos salientar que a divisão da “aula-oficina”, onde está, conforme o planejamento, estaria dividida em, no mínimo, 4 partes, sendo elas: Apresentação da proposta, realização de atividade (s), novas discussões e por fim uma nova atividade. Estas divisões visam observar o crescimento/desenvolvimento dos (as) estudantes sobre a discussão.

Desta forma, esta metodologia não quebra somente como modelo tradicional de Ensino, mas também na forma de avaliação dos (as) alunos (as) em sala de aula. Todavia, sabemos que a uma série de empecilhos na adoção desta atividade, e podemos resumi-los na quantidade de aulas disponíveis para a disciplina de História. No nosso caso, pudemos ter com as turmas apenas duas aulas semanais (duas horas/aula de 50 minutos por semana) o que fazia com que nosso planejamento tivesse de ser algo muito bem “planejado”.

Todavia, mesmo com estes pequenos entraves, podemos dizer que os resultados acerca desta aula oficina foram, em sua grande maioria, surpreendentes. Ao longo do próximo tópico, buscaremos evidenciar que a adoção de novas formas e métodos, como o caso da “aula-oficina”, podem produzir resultados como o de estudantes/sujeitos históricos que passam a observar sua realidade social criticamente.

### **Entre erros e acertos: a aula oficina colocada em prática**

A proposta de realização deste projeto se deu após nos encontrarmos folheando o livro didático das turmas dos 3ºs anos, neste momento nós, residentes, nos encontrávamos apenas realizando um acompanhamento destas turmas, ou seja, estávamos na fase de observações. Após uma olhada no livro didático, para ser mais exato, na parte final deste livro, encontramos um atividade intitulada “Cidade em Movimento” (COTRIM, 2016, 280-283).

Esta atividade propunha que os alunos fizessem um estudo sobre alguns temas que envolvem as cidades (e não exclusivamente a sua cidade), ou seja, uma proposta sobre estudo de História das Cidades. Foi neste momento, que pensamos em adaptar a atividade do livro didático para uma atividade um pouco mais ampla e ao mesmo tempo um tanto restrita, ou seja, uma atividade que tivesse mais subtemáticas que a original<sup>7</sup>, mas que se restringisse apenas à

---

<sup>6</sup> Buscaremos ao longo do próximo tópico dar um melhor destaque a questão levantada aqui. Em especial sobre pontos que envolvem as contradições sociais, como a religião e estigmatização dos espaços (sobretudo dos bairros).

<sup>7</sup> A proposta do livro didático estava concentrada em pesquisar apenas as temáticas: Economia, Moradia e Lazer.

cidade de Irati. Desta forma, criamos um projeto intitulado “História & Cidade – História Local”.

Para a execução do nosso projeto, optamos pela metodologia de aula oficina e desta forma dividimos o projeto em seis partes, sendo elas: a apresentação do tema e subtemas onde foi exposta pelos residentes a proposta do projeto que se concentrou em estudar a cidade de Irati, onde dividimos este estudo em seis subtemas, sendo eles: Identidade, Religiosidade, Moradia/Habitação, Espaços de lazer, Patrimônio Histórico e Economia. Buscamos apresentar estas propostas de subtemáticas com exemplos que os próprios alunos levantavam sobre o município de Irati. Foi ainda, em meio à apresentação do projeto e de suas sub temáticas, que propomos aos alunos que após as aulas (duas) de apresentação deveriam se dividir em 6 grupos e cada um destes ficariam responsáveis por escolher uma destas sub temáticas e realizar um estudo aprofundado sobre o tema<sup>8</sup>.

A segunda fase se concentrou em apresentar o modelo de trabalho final que cada um dos grupos seria responsável em fazer. Ao todo tivemos a realização de três trabalhos por subtemáticas, visto que este projeto foi aplicado em três turmas de terceiros anos do Ensino Médio. O trabalho final que os grupos se prontificaram a fazer seria: um estudo aprofundado, com uso de fontes e problematizações sobre a sua temática e, para auxiliar os alunos, buscamos elaborar um roteiro que continha possíveis perguntas a se fazer às suas fontes, bem como, locais onde estes poderiam encontrá-las como, por exemplo, a biblioteca e sua seção de história de Irati, o Centro de Documentação e Memória da UNICENTRO (CEDOC/I), a biblioteca municipal, além de alguns *sites*<sup>9</sup>.

Terminada esta segunda fase, a seguinte se concentrou na pesquisa e escrita dos trabalhos finais, esta não foi realizada em sala de aula, e os alunos deveriam realizá-la em horários diferentes às aulas de História. Visando acompanhá-los nesta fase, nos disponibilizamos em tirar suas dúvidas em contra turnos, assim como, disponibilizamos nossos contatos pessoais (*Whats-App* e *E-mail*) para que os (as) alunos (as) pudessem enviar mensagens com suas dúvidas, sugestões, etc.

---

<sup>8</sup> Por escolha dos (as) alunos (as) a divisão dos subtemas para cada grupo se deu por meio de sorteio.

<sup>9</sup> O roteiro elaborado, continha perguntas que instigavam aos (as) estudantes a refletir como, por exemplo, nas perguntas do roteiro de Moradia/Habitação, continha perguntas como: quais são os bairros do município, se existe estigmatização ou segregação entre estes bairros, público destes bairros, etc. Ao longo de nossa preparação para as aulas teórico-metodológicas, estas aulas foram preparadas partir das perguntas que estavam nos roteiros, desta forma os (as) alunos (as) se sentiriam mais à vontade ao longo da escrita, pois os assuntos já haviam sido debatidos e exemplificados pelos mesmos ao longo das aulas. Um ponto o qual deve ser frisado é que deixamos em aberto se o roteiro deveria ser seguido ou não e que os estudantes não deveriam tomá-lo como um questionário, e sim como um ponto de partida se necessário.

Findada esta terceira etapa, a quarta se concentrou na apresentação dos trabalhos finais e na nossa correção dos trabalhos. Foi nesta etapa que conseguimos observar uma série de pontos interessantes em suas pesquisas, em especial, no que toca as fontes que cada grupo utilizou. Entre as mais usadas destacamos o *site* da Prefeitura do Município que possui um tópico específico para a história do município e foi dali que muitas informações vieram, também destacamos o *site* da Rádio Najuá, local onde os grupos retiraram diferentes informações oriundas de várias matérias que esta rádio realizou sobre a história do município, também destacamos as pesquisas realizadas em livros, mais especificamente, nas obras de um dos memorialistas do município José Maria Orreda através de sua coleção de Revistas do Centenário de Irati (2007). Observamos ainda o uso de outros *sites* e livros.

Todavia, destacamos um ponto importante nesta primeira entrega dos trabalhos dos (as) estudantes, o seu senso crítico. Nesta primeira versão os trabalhos dos (as) alunos (as) nos entregaram apenas discussões de fontes, sem nenhuma problematização, de um modo mais geral, os (as) alunos (as) transmitiram uma ideia de que o que se encontrava ali (nas fontes) trazia uma verdade imutável. Exemplo, em um dos trabalhos sobre religiosidade, o grupo ao abordar sua temática propôs a pergunta “se havia ou não intolerância religiosa no município”, em sua resposta, eles (as) identificam que não, mas, na sequência de sua discussão identificam que um indivíduo que pertença a outra religião que não a dominante (no caso de Irati o culto dominante é o catolicismo), pode ser mal visto ao falar sobre ela, neste sentido o grupo cai em contradição. Identificamos aqui que os (as) alunos (as) (isso ficou mais evidente em sua apresentação), concebiam como questões de intolerância apenas quando a violência física estava envolvida<sup>10</sup>.

Outro ponto abordado de forma abundante nos trabalhos foi a idealização dos “grandes homens de Irati”, isto permeou basicamente todos os trabalhos, em especial aqueles que trataram da construção do Parque Aquático (no tema de Lazer), onde se identificava e se criava um ligação intrínseca entre a criação deste espaço com a figura de um prefeito, bem como, ao se tratar do chamado “Palácio do Pinho” (no tema de Patrimônio Histórico e Economia) um casarão da primeira metade do século XX, símbolo do auge da extração da madeira e moradia da família proprietária da maior serraria da região, espaço este que ficou diretamente ligado a figura de Alberico Xavier de Miranda, o “grande herói” que deu emprego a todos e trouxe

---

<sup>10</sup> O grupo usou como exemplo de intolerância uma notícia/reportagem de agressão de uma jovem carioca, atingida por uma pedra enquanto saía de um terreiro de umbanda, ou seja é tomado aqui como intolerância apenas quando ocorre o uso de violência física. Fonte utilizada pelos (as) estudantes: Portal G1. **Menina vítima de intolerância religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada**. Rio de Janeiro: G1 [online], 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro>. Acesso em 10/12/2018.



modernidade a região. Desta forma, observamos uma negação por parte dos alunos de se conhecer a história dos *sujeitos ordinários*, como diria Certeau (1996), e desta forma, os mantendo *excluídos da história*, parafraseando o título de uma das principais obras da historiadora francesa Perrot (2017).

Dentro desta fase, nossa proposta em um primeiro momento era encerrar neste ponto (devido à quantidade de aulas disponíveis), mas ao adotarmos a perspectiva da aula oficina, partindo da metodologia de Barca (2006), decidimos criar novas fases, onde na quarta devolveríamos os trabalhos, corrigidos e comentados, onde propusemos aos alunos que analisassem nossos comentários sobre seus trabalhos e decidissem se gostariam de corrigi-los ou não. Esta correção seria a quinta fase e, por fim, a sexta seria a nossa devolutiva de seus trabalhos finais corrigidos. Nossos comentários nos trabalhos nesta terceira fase se concentraram em três pontos: 1. Correções na escrita e reformulação das ideias, 2. Realizar uma melhor problematização dos dados apresentados (fontes) e 3. Escrever uma conclusão sobre o projeto e sua importância.

O ideal seria que todos os grupos (18 grupos) e alunos (as) realizassem as correções, todavia, apenas obtivemos a correção de 11 trabalhos, onde em alguns grupos apenas parte destes decidiu fazer as correções<sup>11</sup>. A não adesão de boa parte dos (as) estudantes se deu por que esta atividade foi colocada como parte da nota dos (as) alunos (as) para o quarto bimestre, somando um total de 30% da nota final, e ao receberem seus trabalhos ao fim da terceira fase, tivemos que atribuir uma nota a estes, e desta forma, aqueles que foram com notas razoáveis abriram mão de fazer as correções<sup>12</sup>. Desta forma tivemos uma dedicação maior por parte dos trabalhos que ficaram com notas baixas e estes (não exclusivamente somente estes) se dedicaram em realizar as correções, pois a receptora propôs que estas correções serviriam como forma de recuperação<sup>13</sup>.

Realizada as considerações acima, a quinta etapa, as correções e melhoramentos da primeira versão dos trabalhos foram realizadas pelos (as) alunos (as) fora do ambiente escolar, onde mantivemos as formas de contato para auxilia-los nas correções de seus trabalhos. Ambas

---

<sup>11</sup> O Projeto contou em sua primeira fase como a participação de 106 estudantes, somando um total de 18 trabalhos, sendo dois trabalhos de cada uma das sub temáticas. Em suas fases finais, contamos com a participação de 46 alunos, somando um total de 11 trabalhos.

<sup>12</sup> Este ponto pode ser observado como um aprendizado para a aplicação desta oficina em outras turmas. A ideia inicial era de fugir das notas nesta primeira fase dos trabalhos, buscando atribuí-las somente após a correção, todavia tivemos de adotar o sistema e repassar as notas aos alunos da primeira fase, o que ocasionou a perda de interesse por parte dos mesmos em dar continuidade.

<sup>13</sup> A contabilidade das notas utilizadas pela preceptora funciona em uma divisão simples de avaliação com peso de 70% e outras atividades com peso de 30%. A recuperação como apontada acima funciona como uma forma de substituir as notas (em caso desta aumentar), e é feita tanto na avaliação quanto nas outras atividades.

as etapas dispusemos um tempo máximo para a entrega, seja da correção como da recuperação, o prazo foi de duas semanas. Muitos (as) alunos (as) ao longo deste período mantiveram o contato, em especial via *Whats-App*, trazendo suas questões e sugestões para a versão final de seus trabalhos.

Findado o prazo, recebemos as versões finais, e os resultados mostraram um enorme crescimento por parte dos (as) alunos (as). Assim resumidamente, as duas últimas etapas, fora a correção dos trabalhos por parte dos alunos, foi realizado uma nova avaliação por nossa parte nos trabalhos, bem como realizamos um *feedback* para os (as) alunos (as) para mostrar a eles (as) o seu crescimento ao longo deste processo que foi a aula oficina. Sobre os resultados finais da atividade, dedicaremos o próximo tópico.

### **História & Cidade – História Local: estudos sobre o município de Irati-PR**

Os estudos/pesquisas realizadas para a última fase somaram um total de 11 trabalhos, participando um total de 46 alunos (as), as sub temáticas destes trabalhos foram: 2 sobre a temática Identidade, 1 sobre Religiosidade, 2 sobre Moradia, 2 sobre Lazer, 3 sobre Patrimônios Históricos e por fim 1 sobre Economia.

Os locais de pesquisa, bem como, as fontes utilizadas nesta última fase não se diferenciaram da primeira, ou seja, os (as) alunos (as) usaram fontes como: Jornais (Folha de Irati e Hoje Centro Sul), o histórico do município a partir do *site* da Prefeitura Municipal de Irati, reportagens do *site* da Rádio Najuá, pesquisas de Mestrado<sup>14</sup>, pesquisas no CEDOC de Irati, além de entrevistas com familiares e usos de acervos pessoais (como fotos).

Nesta última fase, o que se diferenciou não foi à utilização de novas fontes, mas sim a problematização a qual os grupos fizeram sobre elas. Se na primeira versão de seus trabalhos os (as) estudantes se dedicaram em buscar fontes e transcrevê-las em seus trabalhos, buscando uma noção de “verdade” a partir das fontes, nesta fase suas discussões se concentraram em analisar as fontes de uma forma crítica, se baseando e confrontando as fontes que encontravam, bem como, se utilizaram das discussões teórico-metodológicas feitas em sala nas primeiras aulas.

Começaremos a nossa análise pela temática de Identidade. Contamos com 2 trabalhos, onde os (as) alunos (as) dos grupos exploraram sinteticamente temas como “quais foram os grupos étnicos que compuseram o município em seu início, a relação entre identidade e

---

<sup>14</sup> Em especial um dos grupos da temática de Religiosidade abordou a questão das “benzedoras” no município a partir de uma pesquisa de mestrado intitulada “As benzedoras na cidade de Irati: suas experiências com o mundo e o mundo da benzeção” da pesquisadora Vânia Vaz. Ver: VAZ, 2006.

tradição”, assim como, buscaram trazer as discussões sempre realizando uma ponte entre passado e presente.

Sobre o primeiro ponto, os (as) estudantes buscaram fontes tanto no *site* da Prefeitura, quanto reportagens (da Rádio Najuá), e textos da Revista do Centenário (ORREDA, 2007), mas o que nos chamou a atenção foi a cuidado com que os (as) estudantes tiveram ao abordar os grupos étnicos, em especial, os mesmo destacaram que havia certo privilégio por parte de suas fontes ao indagar sobre a migração europeia como ponto principal a identidade do município. Em um dos trabalhos observamos que os (as) alunos (as) fazem este destaque ao evidenciarem quantas páginas a Revista do Centenário (2007) dedica a cada um dos grupos, ou seja, várias páginas a migração (em especial de ucranianos e poloneses) e o pouco para a questão da população indígena que já habitava o local (um total de uma página) e para a influência negra do município (que soma menos de meia página). Os (as) alunos (as) concluem desta questão que a identidade do município é moldada, ou seja, não necessariamente real ou absoluta.

Sobre a segunda temática mais abordada nos trabalhos, a ligação entre identidade e tradição, podemos observar que os (as) estudantes abordam mais enfaticamente sobre as tradições de origem europeia na cidade, em especial o que toca a culinária, mas de uma forma interessante eles (as) se justificam mostrando que abordam exclusivamente isto, por que não existem fontes disponíveis para abordar outras questões tradicionais de etnias que não sejam as europeias.

Por fim, os trabalhos em suas considerações finais buscam fazer uma ponte entre os processos históricos de formação da identidade do município com questões que tocam as suas realidades sociais. Ou seja, os mesmos levam em consideração a identidade de hoje como um processo histórico que aos poucos foi moldado, deixando claro, que mesmo havendo tradições estas foram readaptadas conforme as realidades vividas dos sujeitos históricos.

Em um dos trabalhos ainda, podemos observar um fechamento com uma discussão um tanto interessante sobre a reestruturação das identidades no contexto da atualidade. Ao debater sobre a questão da tradição e da relação com a identidade o *Grupo 1 de Identidade* identifica que:

[...] a globalização [termo exposto no parágrafo anterior do trabalho, quando debatem sobre a realidade do município e sua relação com o nacional/internacional], produz diferentes resultados em termos de identidade. [entre eles se identifica a] homogeneidade produzida pelo mercado global, que podem levar ao distanciamento da identidade relativamente de uma comunidade local. De forma alternativa [o grupo observa que] a uma resistência que podem reafirmar algumas identidades (GRUPO 1 – IDENTIDADE, 2018).

Na continuidade de seu texto, os mesmos identificam que está resistência pode ser tanto boa (no sentido de manter uma tradição cultural viva) como também ruim, como no caso manter uma identidade pautada na exclusão de outros grupos da história do município (como os indígenas e negros).

Pode se dizer que houve um crescimento considerável em termos de problematização de ambos os grupos, em especial no que toca a discussão sobre os grupos étnicos, na primeira versão de seus trabalhos os (as) estudantes se pautaram em um senso comum da “Irati e sua identidade ‘europeia’”. Todavia já nesta última versão os (as) mesmos realizaram uma discussão extremamente pertinente para o contexto da cidade.

Com relação à segunda subtemática, de Religiosidade, obtivemos apenas um trabalho, o qual contou como uma série de dados sobre as religiões e cultos presentes no município, bem como dados, discussões acerca da intolerância religiosa e, também questões sobre a tradição das benzedeadas no município e na região.

Na primeira etapa do trabalho, os (as) estudantes realizaram uma consulta através da plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), buscando os dados e porcentagens das religiões e cultos presentes no município. A partir destes dados, os mesmos destacaram a predominância do culto cristão na cidade.

Dentro destas discussões os (as) mesmos (as) problematizaram a intolerância religiosa no município, a partir do que eles (as) identificaram com intolerância, ou seja, na primeira fase do trabalho eles (as) identificavam apenas como intolerância questões relativas à violência física, desconsiderando a simbólica, que é o ponto marcante da intolerância no contexto brasileiro (LUI, 2008). Todavia nesta versão final os mesmos levaram em consideração até outras questões que envolvem a intolerância como: a pichação de espaços voltados a cultos não cristãos, a localização dos espaços espacialmente, a não demonstração religiosa em outros espaços que não sejam nos cultos, as piadas, entre outros pontos. Estas análises dos (as) estudantes evidenciam um amadurecimento do grupo sobre a intolerância, e como está se configura e reconfigura no contexto social.

Sobre outro ponto abordado pelo grupo, os mesmos destacam a influência das benzedeadas no contexto do município, eles (as) se utilizam como referência para este tema, tanto reportagens como uma pesquisa de mestrado da historiadora Vânia Vaz (2006).

Refletir sobre o conhecimento das benzedeadas, é também trazer à tona as demais esferas envolvidas em suas vidas. Esperança, angústia, alegria e fé são sentimentos presentes na vida dessas mulheres, nos diferenciados papéis, que desempenham não são só suas práticas ritualísticas, mas também como mães, donas de casas e cidadãs ativas de suas respectivas comunidades. (GRUPO 1 – RELIGIOSIDADE)

A análise dos (as) estudantes sobre as benzedeadas permeia desde a tentativa de identificação do culto que seguem (é um ponto o qual os (as) estudantes deixam em aberto) a intolerância religiosa sobre estas mulheres, que segundo eles, foram identificadas como feiticeiras por parte do catolicismo.

Outro ponto que permeia suas discussões, que de uma forma subjetiva toca o assunto sobre as benzedeadas, são questões relacionadas às discussões de Gênero onde os (as) alunos (as) ao abordarem dissertação de Vaz (2006) identificam que esta relação de intolerância por parte do catolicismo iniciava através dos padres que condenavam as práticas da “benzeção” por parte das mulheres, por serem mulheres, todavia os (as) mesmos (as) não exploraram esta questão e apenas a citam ao longo de seu texto<sup>15</sup>.

O trabalho final deste grupo chamou a atenção por suas discussões, pois foi um dos únicos grupos que trabalhou com poucas fontes, mas conseguiu trazer várias questões para a reflexão, em destaque, sua última reflexão o grupo partiu de questões levantadas em sala durante as duas primeiras aulas sobre a “verdade dos dados (fontes)”, ou seja, será que as tabelas colocadas ali, em seus trabalhos condiziam com a realidade social? Os (as) mesmos (as) apontam que não, pois ao ser posto a questão da intolerância em destaque, muitos poderiam omitir a sua crença, visando fugir de um julgamento social, e como levantado pelos (as) mesmos (as), muitos indivíduos podem frequentar diferentes cultos, mas ao serem questionados sobre qual é sua crença, podem responder apenas um dos apontados na lista de pesquisa.

Este trabalho levantou questões importantes para se refletir no contexto da cidade, mais especificamente porque este tema foi debatido através das apresentações, muitos alunos (as) se sentiram à vontade para dar suas opiniões, devemos mencionar que a discussão tomou rumo de sempre abordar o tema de forma plural, pois em uma única sala, com mais de 30 alunos (as), nem todos ali são católicos, neste espaço encontramos: evangélicos, umbandistas, ateus ou espíritas.

Se tratando da terceira subtemática Habitação & Moradia, obtivemos dois trabalhos e seus resultados nos fascinaram. Suas discussões se iniciaram a partir da identificação dos bairros da cidade, bem como, o público de cada um destes espaços e em ambos os casos (os trabalhos um e dois) se utilizaram das mesmas fontes e dados, coletados tanto no *site* do IBGE como no *site* da Prefeitura.

---

<sup>15</sup> Foi interessante o tema ser levantado pelos (as) estudantes, como sabemos as discussões acerca de Gênero é um ponto de difícil discussão dentro das instituições de ensino, em especial, pela onda conservadora que vêm arrebatando nosso país. Se tivesse sido possível obter mais de tempo para esta oficina, este tema seria um ponto importante para se problematizar em sala de aula.

Há uma diferença na abordagem entre os dois grupos, o primeiro grupo se concentrou em uma discussão para além, onde estes deram destaques não somente aos bairros, mas também a questões como o nome das ruas e sua relação com a história do município (nome de ruas como nome de prefeitos), história do estado (datas comemorativas como a de emancipação e nome de governadores) e a história nacional (datas como a da independência e proclamação da república). Nesta perceptiva, o grupo se pautou em mostrar o contexto simbólico que trazem estas questões, em especial no que toca eternizar ou formar um grande herói, este ponto modifica a perspectiva que os próprios possuíam na primeira versão de seus trabalhos.

Enquanto plano de fundo a estas discussões, este grupo introduziu, simplificadamente, a discussão sobre a segregação urbana. Os (as) estudantes se utilizaram de dados como coleta de resíduos (lixo) para mostrar que algumas regiões eram privilegiadas e outras não, isto se deu quando eles (as) observaram que o Centro da cidade e alguns bairros que possuíam uma classe mais abastada possuíam coleta de resíduos diariamente (e em alguns casos até mais de uma vez por dia), enquanto outros bairros ocorriam a variação de 4, 3 a 2 vezes por semana, e isto acompanhava a questão dos espaços menos abastados economicamente, ou seja, as regiões periféricas de baixa renda econômica possuíam a coleta reduzida à duas vezes por semana.

Esta mesma discussão acerca da segregação urbana foi proposta pelo grupo 2. O grupo resumiu esta discussão à “urbanização desigual” a qual destacam tanto a questão da coleta de resíduos quanto à estigmatização dos bairros.

Dentro desta questão o grupo destaca o Bairro Jardim das Américas que dentro deste processo de estigmatização passou a ser conhecido como “Jardim Botafogo”. Este nome foi atribuído por ocasião de algumas casas (12) neste conjunto terem sido incendiadas no ano de 2017 devido a disputas internas do tráfico de drogas entre este bairro e o bairro vizinho (Alto da Lagoa), que também é estigmatizado<sup>16</sup>. Ambos os bairros a partir deste acontecimento tornaram-se, com o auxílio das mídias locais, espaços violentos e administrados pelo tráfico.

No mesmo ano [2017], foi decidido através da polícia militar e agentes da justiça que os bairros [Jardim das Américas e Alto da Lagoa] deveriam ser monitorados. Mais de 2500 pessoas foram abordadas neste período de monitoramento, ou seja, algumas pessoas eram constrangidas pelo simples fato de morarem naqueles locais e não eram questionadas por um motivo concreto (GRUPO 2 – HABITAÇÃO & MORADIA, 2018).

---

<sup>16</sup> Sobre o estigmatização deste bairro indicamos as pesquisas do historiador Júlio Cesar Braga, entre seus trabalhos destacamos o texto “O bairro Alto da Lagoa, ou o Morro da Formiga - Entre o estigma, a violência e o morar na periferia: uma percepção da auto imagem dos moradores”. Ver: BRAGA, 2015.

Neste sentido, o grupo conclui que “[...] houve uma generalização dos fatos ocorridos nestes espaços” (GRUPO 2 – HABITAÇÃO & MORADIA, 2018), onde todos os moradores passaram ser percebidos como “inimigos”, “violentos” etc., a partir do local que habitam.

Esta discussão proposta pelo grupo foi um dos pontos marcantes nas duas primeiras aulas, onde abordamos diferentes discussões para que os (as) estudantes conhecessem um pouco do que seria o “estigma” em regiões urbanas, em especial, nas periferias e para isso, nos utilizamos de discussões de Chalhoub (1996), no caso, seu debate sobre a construção histórica da relação intrínseca que se criou entre “classes pobres” e “classes perigosas” no Rio de Janeiro oitocentista (mas que na atualidade permeia a todas as regiões brasileiras).

O desenvolvimento destes dois grupos foi muito interessante, demonstraram um ótimo senso crítico ao confrontarem seus dados com as discussões que tivemos em sala de aula. De uma maneira geral, os pontos debatidos por estes grupos evidenciam as contradições das cidades atuais, onde os (as) alunos (as) buscaram esmiuçar estas contradições, nos evidenciando uma Irati que possui sérios problemas com a questão da segregação urbana.

Se tratando do quarto subtema, Lazer, contamos com apenas dois trabalhos finais que entre os demais grupos e temas foram os menores, todavia, suas análises também não ficaram para trás em questão de problematizações. Ambos os trabalhos fizeram listas de espaços de lazer no município, mas o que mais chamou a atenção foi sua discussão sobre os públicos em cada um dos espaços.

Se em um primeiro momentos os grupos destacaram os espaços públicos os quais todos podem desfrutar, o grupo indica que isto é uma contradição, pois os grandes espaços de lazer públicos se encontram em regiões centrais, desta forma, há uma necessidade muito maior por parte dos moradores de regiões periféricas frequentarem estes locais, neste sentido, como os grupos apontam, não existe uma “democratização” dos espaços de lazer. Da mesma forma, esta “democratização” não existe quando a discussão entra nos espaços particulares, como clubes recreativos, pois para frequentar estes espaços é necessário ser sócio.

Nota-se que estes trabalhos buscam realizar um mapeamento dos espaços de lazer e sociabilidade no município, mas vão além quando tentam compreender, ou melhor, interpretar quem são os grupos/classes sociais que de fato frequentam estes espaços.

Neste mesmo sentido, um dos grupos levanta uma questão um tanto interessante, o da variação de públicos nos espaços conforme a ocasião. Para se aprofundar nesta questão, o grupo observa que o público em determinado espaço varia conforme os indivíduos que ocupam. Isto nos lembrou das discussões propostas por Certeau (1994) ao debater sobre os conceitos de espaço e lugar. Segundo Certeau, lugar é algo estático, pré-configurado, ou seja, uma praça,

algo que já foi pré-definido seja por um grupo assim como (no caso da praça) pelo poder público. Todavia, a partir da ocupação deste lugar por algum grupo específico de indivíduos, darão um novo sentido a ele como, por exemplo, um local para shows de determinado estilo musical, sendo assim, este local passa a ser um espaço, ou um “lugar praticado”.

Com relação à quinta subtemática, Patrimônio Histórico, contamos com três trabalhos, onde cada um destes abordou diferentes discussões. Foram nestes trabalhos que pudemos observar uma maior relação com as demais subtemáticas do projeto, pois ao se discutir patrimônio no município, os grupos realizaram relações entre tais patrimônios com a: identidade, economia, religiosidade e lazer.

Como exemplo, os trabalhos nos apresentaram patrimônios como o Centro de Tradições Gaúcha (CTG) Willy Laars, Monumento de Nossa Senhora das Graças, Casa da Cultura, Parque Aquático, entre outros. Se na primeira versão os grupos somente nos apresentaram os patrimônios, nesta última fase, com os trabalhos em suas versões finais, observamos uma concentração de discussões/problematizações acerca da relação destes patrimônios para o município, como sua relação histórica na formação da identidade, religiosidade de Irati.

Neste sentido, pudemos observar um considerável amadurecimento por parte dos grupos que em alguns pontos de seus trabalhos, reforçavam que não havia como discutir seu tema, sem relacioná-la como as demais subtemáticas do projeto. Outro ponto que nos chamou atenção foi que os grupos ao realizarem a pesquisa sobre os patrimônios, identificaram que nenhum deles encontrava-se tombados, mas que deveriam, pois faziam parte da história do município.

Se tratando de um único patrimônio tombado como patrimônio histórico do município, o grupo de Economia tratou sobre a importância histórica, social e econômica do “Palácio do Pinho”. Se na primeira fase deste trabalho, que havia dado uma grande importância a família que morava neste local, nesta última versão, tivemos destaque sobre indivíduos (operários) que trabalharam na serraria e moravam no entorno dela (o Palácio do Pinho).

Este grupo se utilizou de fotos para destacar os homens em um momento de sociabilidade (natal) na serraria de Alberico Xavier, evidenciando que o cotidiano na serraria ia para além das relações de trabalho, destacando também o cotidiano da vila operária que se formou no entorno da serraria e do casarão. Os (as) alunos (as) realizaram uma boa junção das discussões econômicas e de sociabilidade presentes nesta vila operária.

De uma maneira geral, pudemos observar através dos resultados dos trabalhos que a proposta de uma aula oficina com os (as) estudantes resultou em boas reflexões, em especial, nas considerações finais de cada um dos grupos observamos que a maioria destes conseguiram analisar melhor o contexto histórico da sua cidade onde se perceberam como participantes ativos, desta forma, destacamos que conseguimos cumprir com a proposta de Barca (2011), de



tornar os (as) estudantes os protagonistas de seus conhecimentos. Finalizamos este tópico como uma proposta de um dos grupos, que propõem:

Na nossa opinião o projeto foi de extrema importância, pois, para nós, não se deve estudar [...] apenas a história geral do Brasil, a qual para nós alunos [as], significa uma história: distante do tempo presente, de nossas experiências de vida, de nossas expectativas e desejos. Deveria ser mais abordado o estudo sobre história local, a qual dificilmente é mostrada para os estudantes e que sempre foi desprezada pelos currículos escolares. As aulas de história local [são] mais dinâmicas prazerosas, tendo em vista que estudamos a história que faz parte de nossa vida. Os conteúdos de história estudados nas escolas deveriam ser menos mecânicos e mais aplicáveis a um significado de vida dos estudantes (GRUPO 2 – PATRIMÔNIO HISTÓRICO).

### **Considerações Finais**

O presente trabalho, buscou analisar os resultados de uma “aula-oficina” realizada entre com alunos (as) dos 3ºs anos do Ensino Médio do colégio Estadual Antônio Xavier da Silveira, situado no município de Irati-PR. Como observado, esta atividade, intitulada “Projeto História & Cidade – História Local” foi vinculada ao Programa Residência Pedagógica e contou, em sua primeira fase com a participação de 109 estudantes e em sua segunda fase com 46 estudantes.

A atividade em questão contou com seis horas aulas presenciais para a realização da oficina, que se dividiu entre duas para explicações teórico-metodológicas sobre o tema central, duas horas aula para a apresentação dos (as) alunos (as) e os resultados de suas pesquisas e, por fim, duas para a devolutiva das pesquisas.

Como o leitor observou, ao longo deste texto optamos por empregar o modelo metodológico de aula oficina, a partir da perspectiva da pesquisadora/historiadora Isabel Barca (2011). Esta metodologia visa trazer o protagonismo no processo de ensino-aprendizagem ao aluno (a), propondo o (a) professor (a) como uma figura de mediação, assim como, tal proposta leva em consideração os conhecimentos prévios dos (as) alunos (as), ou seja, respectivas realidades sociais.

Ao fim da realização deste projeto, percebemos que os (as) estudantes conseguiram realizar em seus trabalhos finais uma análise que contou tanto com o uso de fontes como uma problematização sobre elas, além de levantarem hipóteses e destacarem, de maneira interessante, o senso comum e as contradições sobre este, em especial sobre temas difíceis de se discutir, como intolerância religiosa, segregação urbana, racismo, identidade, entre outros.

De uma maneira geral, não podemos dizer que nossa proposta de trabalho com os terceiros anos foi um sucesso, tivemos uma série de pequenos problemas como, por exemplo, causados pela carga horária e, também, pela atividade ter ficado engessada sobre o velho sistema de notas. Todavia, os trabalhos nos mostraram que a proposta metodológica da aula

oficina pode nos dar resultados satisfatórios e que os (as) alunos (as) podem desenvolver um pensamento crítico quando dado uma oportunidade e ferramentas aos mesmos.

Em momentos atuais onde a censura ao pensamento crítico permeiam nosso contexto social e escolar (em especial por propostas políticas como a “Escola Sem Partido”), cabe a nós (professores [as]) incentivar ainda mais que os (as) estudantes criem/mantenham uma visão crítica sobre a sociedade. Nossa proposta aqui foi de que estes alunos (as) pudessem analisar e problematizar as suas respectivas histórias além de suas realidades sociais, a partir de uma discussão/pesquisa sobre alguns processos históricos o contexto do município de Irati. Desta forma, os mesmo puderam se indagar sobre a segregação urbana e os processos de estigmatização, a religiosidade e as faces da intolerância, os espaços de lazer e se estes são plurais, a identidade, ou melhor, as identidades, os patrimônios históricos e sua importância, entre outros tantos pontos levantados, discutidos, criticados e problematizados pelos (as) estudantes.

### Referências Bibliográficas

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. **Revista Faculdade de Letras do Porto**, v. 2, 2001, p. 13-21. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2305.pdf>. Acesso em: 10/12/2018

BARCA, Isabel. Ideias chave para a Educação Histórica: Uma busca de (Inter)identidades. **História Revista (UFG)**, v.17, 2011, p. 37-51. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/21683>. Acesso em: 10/12/2018.

BRAGA, Júlio César. O bairro Alto da Lagoa, ou o Morro da Formiga - Entre o estigma, a violência e o morar na periferia: uma percepção da auto imagem dos moradores. In: II Congresso Internacional de História – UNICENTRO/UEPG. Ponta Grossa: **Anais do II CIH UNICENTRO/UEPG**, p. 1-12. Disponível em: [http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/143127776\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_MorroparaoII CONGRESSO.pdf](http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/143127776_ARQUIVO_Artigo_MorroparaoII CONGRESSO.pdf). Acesso em: 10/12/2018.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994 [1980].

CHALHOUB, Sidney. Classes pobres, classes perigosas. In: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 23-32.

COSTA, Aryana; OLIVEIRA, Margarida. O ensino de história como objeto de pesquisa de no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. **Saeculum (João Pessoa)**, n. 16, 2007, p. 147-160.

COTRIM, Gilberto. Cidade em Movimento [Projeto Temático]. In: COTRIM, Gilberto. **História Global**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2016, p. 280-283.

FERNANDES, A. N. O.; AGUIAR, A. L. O.; FERNANDES, S. B. O. Ensino de História e o lugar do livro didático na transposição didática do saber escolar. **Holos**, n. 33, v.3, 2017, p. 150-

163. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/issue/view/123>. Acesso em: 10/12/2018.

GERMINARI, Geyson. D. Educação Histórica: A constituição de um campo de pesquisa. **Revista HISTEDBR**, n 42, p. 54-70, 2011.

LUI, Janayna de Alencar. Os rumos da intolerância religiosa no Brasil. **Revista Religião & Sociedade**, v. 28, n. 1, 2008, p. 206-215.

MORAES, Elisabete Rodrigues. Ensinando História através das vivências do aprendiz: uma experiência possível. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 13, 2013, p. 1245-1257.

ORREDA, José Maria. **Revista do Centenário de Irati 1907-2007 (v. 1-7)**. Irati: Prefeitura Municipal de Irati-PR, 2007.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2017 [1988].

RIBAS, Fernanda; PEREIRA, Bruno César. Cidade & segregação urbana: uma proposta de oficina com alunos do terceiro ano do Ensino Médio. In: V Simpósio Nacional do Movimento do Contestado: ST - Aprendizagem histórica na atualidade: Temas controversos e conflitos sociais. Irati-PR: **Anais do V SNMC – ST3**, 2018, p. 1-11.

SOUZA, Francinne Calegari de. **Educação Profissional: História e Ensino de História**. Dissertação (Mestrado em História Social), Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

VAZ, Vania. **As benzedeadas na cidade de Irati: suas experiências com o mundo e o mundo da benzeção**. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), 2006.